

BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

07

Duro Venio



ISSN 2177-7365

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA  
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

BOLETIM  
MUSEU  
HISTÓRICO  
DE LONDRINA

07



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL de LONDRINA

**Reitora**

Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

**Vice - Reitora**

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

**Diretora do Museu**

Profª Drª Regina Célia Alegro

**Coordenação Geral**

Profª Drª Regina Célia Alegro

**Editores**

Profª Drª Regina Célia Alegro  
Rosângela Ricieri Haddad

**Comissão Executiva**

Barbara Daher Belinati  
Célia Rodrigues de Oliveira  
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

**Foto capa e contra capa**

Capa: autor desconhecido - acervo do  
Museu Histórico de Londrina  
Contracapa: Amauri R. da  
Silva e Rui Cabral - Exposição Mostra  
de Cinema - Acervo Museu Histórico de  
Londrina

**Revisão de texto**

Projeto Disque-Gramática/UUEL

**Projeto Gráfico e Editoração**

Elder Gustavo Abe  
Glaubher V. de A. Pessusqui  
(Pictolab Design)

**Impressão**

Midiograf

**Fonte:**

Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.  
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de  
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade  
Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

# SUMÁRIO

## **Apresentação**

<i>Regina Célia Alegro</i> .....	05
----------------------------------	----

## **1. Projetos**

1.1. Preservação da memória histórica de Londrina: restauro cenográfico da locomotiva a vapor e seu tender de abastecimento.....	06
1.2. Estudo estatístico do perfil dos visitantes do Museu Histórico de Londrina.....	07
1.3. Indígenas na paisagem londrinense: uma discussão necessária na perspectiva do Patrimônio Histórico-Cultural.....	08

## **2. Exposição**

2.1. Exposição fotográfica “Ouro Verde Nossa Paixão”.....	10
---	----

## **3. Artigos**

3.1. A função social interativa e mediática dos museus <i>Janete Fernandes</i> .....	12
3.2. Museus Paraná: mais que uma política museológica do Estado do Paraná, uma transformação do acesso ao bem cultural <i>Karina Muniz Viana</i> .....	16
3.3. Breve história do cinema de Londrina - Parte 1 <i>Luis Henrique Mioto</i> .....	24
3.4. “60 anos da telenovela brasileira” <i>Elmo Francfort</i> .....	30

## **4. Entrevista**

4.1. Aida Campana.....	35
------------------------	----

<b>5. ASAM</b> .....	38
----------------------	----



A programação do Museu Histórico nesse período é intensa. Enquanto no mês de junho começava a visitação pública aos carros ferroviários restaurados, já se iniciavam os estudos para a recuperação da locomotiva Baldwin, fabricada em 1910. Em breve a locomotiva se juntará aos carros na plataforma do Museu.

Nesse semestre, a equipe do Museu e seus parceiros prepararam a “Mostra Londrinense de Cinema e Memória”, as exposições “60 Anos da Telenovela Brasileira” e “Ouro Verde Nossa Paixão”, enquanto se iniciava a pesquisa para o projeto da exposição “Indígenas na Paisagem Londrinense: uma discussão necessária na perspectiva do Patrimônio Histórico-Cultural”. Ainda, entre cursos, oficinas e outros eventos, foi realizada a “Primavera dos Museus”, com a Caravana dos Museus, concretizada pela parceria entre museus e casas de memória de Londrina e região.

Esses eventos permitiram encontros e diálogos enriquecedores. O sétimo número do Boletim do Museu Histórico de Londrina quer indicar algumas das possibilidades geradas. Os textos de Jairo Queiroz Pacheco (IPAC/Londrina/UUEL), Janete Fernandes (CONSEC/PR), Luis Henrique Mioto (Cineclube Ahoramágica e Associação Alma Brasil), Karina Muniz Viana (COSEM/PR), Elmo Francfort (Instituto PRO-TV) nos permitem refletir sobre as funções do Museu e o acesso de indivíduos e grupos aos bens culturais.

A presença e a atuação de estudantes tem sido, também, fundamental para a instituição, como sugerem os textos dos bolsistas Vagner Henrique Ferraz, Juliana Souza Belasqui, Taiane Vanessa da Silva. O estudo estatístico realizado a partir dos livros de registros de visitantes traz indicativos a serem explorados na gestão do Museu.

Sabe-se que o tempo presente é marcado pela busca de novas identidades e construção da cidadania. Castells (2000) refere-se a uma “onda poderosa de identidade coletiva” que busca a singularidade cultural e autocontrole individual num contexto globalizado. Essa identidade coletiva demanda o acesso, o debate e o cultivo dos elementos de identidade local e grupal. Entendemos que as ações do Museu Histórico de Londrina impulsionam no sentido da realização dessa possibilidade em Londrina.

*Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Célia Alegro*  
Diretora do Museu Histórico de Londrina

## 1. PROJETOS

### 1.1. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA DE LONDRINA: restauro cenográfico da locomotiva a vapor e seu tender de abastecimento

*Vagner Henrique Ferraz\**

Propõe-se a recuperação cenográfica da locomotiva Baldwin 840, de tipo Tenwheeler, fabricada em 1910 pela Baldwin Locomotive Works de Filadélfia – EUA, modelo Consolidation 4-6-0, e seu tender de abastecimento, peça fundamental para a compreensão do sistema de propulsão da Locomotiva, hoje estacionados nas docas secas do Instituto Brasileiro do Café – IBC, em Londrina.

A locomotiva foi cedida à Universidade Estadual de Londrina para exposição no pátio do Museu Histórico de Londrina Pe. Carlos Weiss, como parte do acervo visitável do município associado a dois carros ferroviários originalmente pertencentes à extinta R.V.P.S.C. (*a Rede de Viação Paraná - Santa Catarina, posteriormente, R.F.F.S.A.*), estando ambos já expostos à visitação pública ao longo da plataforma do Museu Histórico da cidade de Londrina, após restauro realizado com apoio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura - PROMIC. O projeto ora apresentado visa completar o conjunto que compõe a paisagem externa visitável do Museu Histórico como de fundamental importância para a memória e identidade de Londrina (e região).

A importância da locomotiva Baldwin e a sua exposição como acervo visitável na plataforma do Museu Histórico de Londrina relaciona-se diretamente com as vivências cotidianas daqueles que migraram para a região e construíram a cidade que herdamos. Milhares de pessoas, ao longo dos anos 30 e seguintes, desembarcaram na cidade em busca de uma vida melhor. Além disso, o escoamento da produção cafeeira em direção ao Porto de Santos foi o motivo maior da instalação da ferrovia.

Recebemos como legado, a cidade e as memórias daqueles que a fizeram a partir do vínculo com a ferrovia. Por isso a recuperação da locomotiva e a sua exposição no espaço do Museu é tão importante!

---

\*- Graduando de História (UEL), bolsista PROEXT (MEC/SESU), projeto A construção da memória e a preservação do patrimônio cultural em Londrina. Orientadora: Regina C Alegro.



## 1.2. ESTUDO ESTATÍSTICO DO PERFIL DOS VISITANTES DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

*Juliana Souza Belasqui \**

*Taiane Vanessa da Silva \**

Por necessidade de delinear o perfil do visitante do Museu Histórico de Londrina, fizemos um estudo estatístico dos livros de visitantes do Museu. A (re) contagem privilegiou os anos de 2009 até 2012, e os dados dos livros de visitas foram transferidos para planilhas Excel.

A estatística trouxe informações interessantes, como por exemplo: ao contrário da idéia comum de que a maioria dos visitantes do Museu é constituída de público escolar, constatou-se que desde 2010 essa maioria pertence ao grupo do chamado “público espontâneo” (público não escolar). Outro dado: o Museu recebeu visitantes dos limítrofes São Paulo, Santa Catarina e Mato do Grosso do Sul, mas também do restante do Brasil e de estrangeiros. Ainda, verifica-se uma diferença entre os totais de público visitante em 2010 e 2011, quando, inferimos, sentiu-se o reflexo da nova lei de estágios voluntários que inicialmente afastou acadêmicos monitores e depois exigiu reorganização da ação de monitoria. A assinatura nesses livros não é obrigatória e a recepção do monitor parece constituir-se num estímulo para o registro do visitante. Nesse ano que finda, 2012, as visitas ao Museu foram estimuladas por eventos como: Exposições Cuidar, curar, lembrar – memória da saúde em Londrina, Carros Ferroviários Restaurados, 60 Anos das Telenovelas Brasileiras e Primavera nos Museus (com a Caravana dos Museus).

ASSINATURAS NOS LIVROS DE VISITANTES DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA PE. CARLOS WEISS			
Ano	Público Espontâneo	Público Escolar	Total
2009	13.808	18.016	31.421
2010	14.228	11.909	26.134
2011	12.234	10.636	22.870
2012	23.665	21.807	45.472

Os dados estatísticos digitalizados estão à disposição para consulta e permitem identificar a origem dos visitantes, gênero, profissão, se pertencem à rede de ensino pública ou privada, municipal ou estadual, se frequentadores da exposição permanente, temporárias, de eventos, se pesquisadores.

\*- Graduanda de História (UEL), bolsista Universidade Sem Fronteiras (SETI/PR), projeto O Museu vai à escola. Orientadora: Regina C Alegro.

\*- Graduanda de História (UEL), bolsista PROEXT (MEC/SESU), projeto A construção da memória e a preservação do patrimônio cultural em Londrina. Orientadora: Regina Célia Alegro.

### 1.3. INDÍGENAS NA PAISAGEM LONDRINENSE: uma discussão necessária na perspectiva do Patrimônio Histórico-Cultural

Leilane Patrícia de Lima\*

Regina Célia Alegro\*

A “nova museologia” adota uma disposição questionadora de tendências excessivamente globalizantes. E desenvolve propostas para constituição de acervos e exposições que representem diferentes sujeitos individuais e coletivos na sociedade.

Nesse contexto emerge como questão fundamental, o “patrimônio cultural”, assim como a ideia de “invenção desse patrimônio”, que envolvem uma ênfase na comunicação entre museus e sociedade. Patrimônio torna-se uma categoria fundamental para diferentes coletividades, inclusive para compreender aquelas alheias à modernidade ocidental, pois permite o trânsito de uma a outra cultura.

Recentemente, a diversidade reconhecida em termos de relações mútuas de igualdade e valorização da singularidade de cada memória propõe-se a atender as demandas de representação cultural de uma população heterogênea. (GONÇALVES, 1990). O museu é um espaço de problematização da identidade de diferentes grupos.

Abreu & Chagas (2009) destacam a relação entre memória e patrimônio enfatizando que “grupos sociais tradicionalmente localizados em lugar de alteridade” favorecem o desenvolvimento de experiências em museus “caracterizadas pelo exercício do direito à voz, à memória e à constituição do patrimônio cultural”. (p. 15).

Nessa perspectiva, para o Museu, propor a concepção de uma exposição sobre a temática indígena é um desafio e dois termos podem contribuir para justificar tal proposta: ausência e presença. Sobre a ausência, sabemos que os discursos acadêmicos no Paraná, por mais de trinta anos, se referiram ao *slogan* de uma terra vazia, desabitada, ou seja, havia na região norte do Paraná e em Londrina o chamado “vazio demográfico”, à época da colonização promovida pelas Companhias de Terras, a partir de 1930 (MOTA, 2009, p. 24-57). Tomazi (2000)

---

\*- Doutoranda em Arqueologia (Museu de Arqueologia e Etnologia/USP)

\*- Doutora em Educação pela UNESP/SP. Diretora do Museu Histórico de Londrina. UEL

também se refere ao discurso construído a respeito da história da região e os silêncios que a cercam.

Contudo, tal cenário aponta para uma mudança de postura, que já não mais se sustenta pela “ausência”, mas sim por elementos, muitas vezes visíveis e de conhecimento comum, que indicam a presença indígena no território do Paraná, Londrina inclusive. Estudos científicos, em especial, arqueológicos, apontam que o Paraná vem sendo habitado por diferentes populações humanas há mais de 8.000 anos. Tais pesquisas evidenciaram a presença de grupos indígenas distintos, como por exemplo, os caçadores-coletores (as chamadas Tradição Humaitá e Umbu), os pescadores-coletores do litoral e as populações indígenas históricas (os Guarani, Kaingang, Xokleng e os Xetá), (MOTA, 2005). No caso específico do norte do Paraná, com menor número de pesquisas arqueológicas realizadas, podemos encontrar na produção acadêmica, especialmente das duas últimas décadas, referências sobre a presença de populações indígenas históricas na região e a resistência contra o processo de ocupação. Os estudos de Monbeig (1984) e Paz (1991) exemplificam estas questões.

Em vista da constituição e organização de acervo e exposições que representem os diferentes sujeitos individuais e coletivos em Londrina e região, e considerando que é papel do Museu Histórico problematizar algumas invisibilidades e esquecimentos históricos, o projeto propõe a reflexão, elaboração e disseminação de conhecimento acerca da presença indígena na região de Londrina. A partir de trabalho de pesquisa será realizada exposição no Museu Histórico de Londrina.

## 2. EXPOSIÇÃO

### 2.1. EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “OURO VERDE NOSSA PAIXÃO”

*Jairo Queiroz Pacheco\**

No mês de dezembro, mais exatamente na véspera do Natal, o Cine Teatro Ouro Verde completou 60 anos. Mais do que comemorar essa efeméride, a exposição fotográfica “*Ouro Verde Nossa Paixão*”, buscou manter viva sua memória, enquanto sua reconstrução está sendo viabilizada. Para os leitores que não são londrinenses, cabe esclarecer o Cine Teatro Ouro Verde constitui-se no mais importante equipamento cultural da cidade, tombado como patrimônio histórico em nível estadual e sofreu um incêndio de grandes proporções em fevereiro de 2012.

A exposição, montada no espaço de exposições temporárias do Museu de dezembro de 2012 a fevereiro de 2013, foi organizada pelo IPAC-Ldna (Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina) em Parceria com o Museu Histórico de Londrina “Padre Carlos Weiss” (como ação do Projeto MEC/SESU “Construção da Memória e a Preservação do Patrimônio Cultural em Londrina”). Teve como objetivo mostrar o funcionamento do Cine Teatro Ouro Verde em diferentes momentos de sua existência, a partir de registros ligados às Artes Plásticas, Dança, Música, Teatro, Cinema e Histórico do prédio.

A exposição foi montada de forma integrada a um documentário em vídeo tendo, inclusive, algumas imagens em comum. As duas produções podem ser compreendidas separadamente, mas se complementam. Enquanto o vídeo constitui-se num discurso unívoco, onde quem o produz impõe uma velocidade de leitura ordenada; a exposição permite ao visitante montar inúmeras sequências narrativas, dominar o ritmo de passagem por cada imagem e legenda, aprofundar-se no detalhe ou, caleidoscopicamente, misturar diferentes imagens e legendas.

Buscou abordar a história do prédio tombado e das diferentes memórias que se ligam ao Ouro Verde, caracterizando sua relevância

---

\*- Professor do Departamento de História/UEL. Curador da Mostra e Diretor do Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina - IPAC.

arquitetônica e sua identificação como objeto de paixão por parte dos artistas e do público londrinenses.

A concepção Exposição partiu do princípio de que a compreensão das edificações tombadas como patrimônio apresentam aspectos materiais e imateriais. Isto porque, além das características materiais que as tornam relevantes em termos arquitetônicos e históricos, elas possuem também um conteúdo simbólico – portanto, imaterial – igualmente importante. Assim, além de mostrar o prédio enquanto construção física, buscou-se captar também sua “aura”, mostrando-o como objeto de paixão por parte dos produtores culturais e do público que o frequenta, o que o caracteriza carinhosamente como *Casa de Todas as Artes*.

### 3. ARTIGOS

#### 3.1. A FUNÇÃO SOCIAL INTERATIVA E MEDIÁTICA DOS MUSEUS

Janete Fernandes\*

##### **Resumo**

*A função de um museu, além de colecionar, examinar e apresentar, é produzir conhecimento. O método presencial expositivo e informativo tradicional não cabe mais nos tempos atuais. As novas tecnologias já apresentam suporte para que os museus desenvolvam um trabalho contínuo de cadastramento, digitalização e tombamento de seus acervos, como também para promover a interação entre seus vários setores, principalmente com o de educação, construindo dispositivos informacionais e disponibilizando-os no ciberespaço. Neste enfoque, o trabalho dos museus poderá ficar disponível através da rede de computadores de modo a promover a inclusão cultural e digital, conscientizando as pessoas sobre seu maior patrimônio, ou seja, a sua herança cultural, na esperança de que possam projetar livremente seu futuro sem a necessidade do aval de grupos que privilegiam o acesso aos bens culturais.*

**Palavras-Chaves:** *Museu; Inclusão; Cultura; Educação; Interatividade; Pesquisa.*

Cultura e Educação são indissociáveis, ambas fundamentam a identidade de uma sociedade, como também são as formadoras da consciência crítica e estética desta mesma sociedade. Ao pensar Cultura e Educação, temos o desafio de lançar um olhar crítico sobre a realidade social e estética que estamos vivenciando. Não é fácil, porém, na atual conjuntura olhar com lucidez os enormes movimentos em que as novas teorias e tecnologias mediáticas nos envolvem ao se apresentarem, pois, ao mesmo tempo elas os incluem e excluem.

Coabitamos um espaço social virtual dentro de uma nau, a qual nos conduz através de uma teia (rede) de interligações e *linkagens* a um dos momentos mais marcantes da história humana, o Dilúvio Informacional. Estamos presenciando o segundo dilúvio,

---

\*- Prof.\* do Departamento de Artes da Universidade Federal do Paraná (1975-1991).  
Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Paraná (2012-2014).

o informacional. Para LÉVY (1999) “talvez uma meditação sobre o dilúvio bíblico possa nos ajudar a compreender melhor os novos tempos” e questiona “Onde está Noé”? “O que colocar na barca?”

Ainda segundo LÉVY (1999): “No meio do caos, Noé construiu um pequeno mundo bem organizado. Em face do desencadeamento dos dados, protegeu uma seleção. Quando tudo vai por água abaixo, ele está preocupado em transmitir. Apesar do salve-se quem puder geral, recolhe algumas espécies, pensando no futuro. E Jeová fechou a porta por fora. A arca foi fechada. Ela simboliza a totalidade reconstituída. Quando o universo está desenfreado, o microcosmo organizado reflete a ordem de um macrocosmo que está por vir. Mas o múltiplo não se deixa esquecer. O dilúvio informacional jamais cessará. A arca não repousará no topo do monte Ararat. O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez, a navegar”.

A arca do primeiro dilúvio era única, estanque, fechada, totalizante. As arcas do segundo dilúvio dançam entre si. Trocam sinais. Fecundam-se mutuamente. Abrigam pequenas totalidades, mas sem nenhuma pretensão ao universal. Apenas o dilúvio é universal. Mas ele é “intotalizável”. É preciso imaginar um Noé modesto (LÉVY, 1999).

As arcas (signos) do Segundo Dilúvio são únicas, são os indivíduos, os grupos sociais, as instituições, ou seja, são elementos fechados e “intotalizantes” que compõem a sociedade tal qual a herdamos e conhecemos. O Segundo Dilúvio não apaga as marcas do conhecimento. Ele é a Nuvem que carrega todas as informações (signos) como uma biblioteca de Babel. Um arquivo fluido e virtual que, ao mesmo tempo, reúne e dispersa. Ele é universal e “intotalizável”.

Estamos na iminência de uma nova ciência social, portanto, pensar em colecionar, proteger e apresentar patrimônios culturais materiais e imateriais fechados no microcosmo organizado das espécies, como na da arca de Noé (museus, espaços culturais... etc.), seria navegar à espera do macrocosmo que está por vir. Uma visão cartesiana que não cabe mais dentro do contexto histórico e social que vivemos. Como afirma Peter Sims, pesquisador de inovação da Google, Pixar e General Electric, em entrevista à Folha de S. Paulo, “Suprir necessidades das pessoas decidindo tudo a partir de um cubículo ou de cima para baixo, isso não funciona nem mesmo quando o

intuito é ganhar dinheiro” (GONZAGA, 2012). Seria um passaporte para a alienação.

Temos que nos conscientizar, alertando os sistemas para as questões da construção do conhecimento, dentro de um enfoque educacional que vise a criação de um sistema dialógico informacional. As novas tecnologias já apresentam suporte para que os museus desenvolvam um trabalho contínuo de cadastramento, digitalização e tombamento de seus acervos, como também podem promover a interação entre seus vários setores, principalmente com o de educação, construindo dispositivos informacionais e disponibilizando-os no ciberespaço.

Temos o desafio de reconhecer que a educação visa a pesquisa de arquivos, obras e coleções, tornando assim o trabalho acessível de uma forma mais ampla e envolvente. O foco desta pesquisa seria buscar informações nos acervos e atividades do museu, para poder apropriar-se da memória e dos saberes do seu tempo.

A interligação entre museus, entidades, pessoas e sociedade não se justifica mais somente através do modo expositivo e informativo tradicional, mas sim e, sobretudo, de forma interativa e virtual. Se não houver a interatividade, o processo de acessibilidade do contexto torna-se mais um elemento de informação e, muitas vezes, de confinamento, sendo que a importância está no compartilhamento e na interação, sobretudo, nas memórias dinâmicas que podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, aumentando o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos. A transmissão de conhecimentos e a interação estão na base do processo de inclusão cultural e de uma visão mais solidária em busca da felicidade.

Nicholas Serota (Diretor da Tate Modern em Londres), quando perguntado (MARTÍ, 2012), sobre o papel de um museu, que além de realizar exposições, também seria produzir novo conhecimento sobre a obra de um artista, respondeu: “Sem uma vocação para pesquisa, o museu só repete ideias em vez de inventar essas ideias. O público respeita museus engajados nesse tipo de atividade. Mesmo que ele não perceba, uma exposição com grandes esforços de pesquisa, esse conhecimento acumulado se torna importante para a instituição, ajuda a construir relações entre o museu e os artistas. Artistas são seres criativos, envolvidos 100% em suas pesquisas, buscas e tentativas de ver o mundo. Museus precisam estar à altura disso, é importante fazer, em vez de receber apenas”.



Não devemos esquecer que alguns museus guardam:

O Belo.  
O Belo é Arte e  
Arte é Vida.

Se até alguns anos atrás a função do museu era colecionar, preservar e apresentar; sua função e responsabilidade, diante da atual face histórica, é produzir conhecimento incluindo a sociedade. Educação é o elo entre a Cultura e o Conhecimento. O conhecimento nos coloca a caminho da Verdade.

Será que o segredo não estará escondido no grande Dilúvio Informacional?

## **BIBLIOGRAFIA**

GONZAGA, Y. Falta visão social ao Vale do Silício: diz empreendedor. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. F8 tec, 05 nov. 2012

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34 Ltda, 1999. 264p.

MARTÍ, S. São Paulo se tornou um centro para a arte contemporânea: diz diretor da Tate. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. E4 ilustrada, 11 set. 2012.

### 3.2. MUSEUS PARANÁ:

**mais que uma política museológica do Estado do Paraná, uma transformação do acesso ao bem cultural.**

*Karina Muniç Viana\**

#### **Resumo**

*A Museologia contemporânea, em esforço intangível, propõe um diálogo direto com o visitante de forma a seduzi-lo por intermédio dos objetos musealizados. Entretanto, este mesmo visitante encontra-se em processo de reconhecimento no espaço em que ocupa, buscando uma identificação transparente de forma a satisfazer-se instantaneamente. Suas ações de demanda pessoal e social tornaram-se compulsivamente viciantes e provocadoras de sensações de curta duração e reação. Diante deste cenário, este artigo tem como proposta refletir sobre o papel do Sistema Estadual de Museus do Estado do Paraná e suas perspectivas no processo de descentralização das ações museológicas. Reconhecendo o Museu enquanto fenômeno e a Museologia como campo disciplinar, potencializando as instituições museológicas do Estado de maneira a comunicar e difundir o patrimônio através da informação.*

**Palavras-chave:** *Museologia; Museu; Acervo museológico; Informação e terminologia museológica; Sistemas de Informação; Acessibilidade.*

O 5º. Fórum Nacional de Museus, realizado em Petrópolis em setembro do ano passado, teve como temática: “40 anos da mesa de Santiago do Chile: entre o idealismo e a contemporaneidade”, retomando o conceito de *museu integral*<sup>1</sup> a partir dos desafios

lançados em 1972 a respeito das primeiras sensações do que viria

---

\*- Especialista em Gestão da Informação e Inovações Tecnológicas pelo Instituto Brasileiro de Pós Graduação e Extensão. É Assessora Técnica da Secretaria de Estado da Cultura, atuando como Gestora Museológica no Programa Museus Paraná, coordena a implantação do Sistema Integrado de Acervos Museológicos no Estado do Paraná. E-mail: karinav@seec.pr.gov.br | (41) 3321-4751.

1- Em 1958, Georges Henri Rivière defendia a ideia de Ecomuseu, ou seja, um museu voltado para o social, estabelecendo relações com o espaço, o tempo e a memória, criando uma relação museu e indivíduo. E em 1968 na 8ª. Conferência Geral de Museus, realizada em Monique – Alemanha, Hugues Michet de Varine-Bohan e Rivière ampliaram este conceito para Museu Integral, que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade, o museu como ação, um instrumento dinâmico. Sobre o assunto consultar ICOM, 1972.

a ser a Nova Museologia<sup>2</sup> e como nossos museus se inserem neste cenário contemporâneo. Questões como o acesso a informação e a participação direta com a comunidade, provocaram um desafio ainda maior, o de que nossos museus, muito mais do que coletar, identificar, conservar, pesquisar, administrar e comunicar, eles são responsáveis pela difusão do conhecimento a partir do reconhecimento do indivíduo em uma sociedade em transformação.

A contemporaneidade reflete um museu do indivíduo, suas teorias e práticas museológicas devem integrar à sociedade de forma a interpretá-la dentro de seu contexto natural, para (MOUTINHO, 1989, p.115):

A Museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que esses objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. Para atingir esse objetivo e integrar as populações na sua ação, a Museologia utiliza-se cada vez mais de interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários.

Trata-se, sem dúvida, de um modelo híbrido, onde a comunidade museológica, composta de seus gestores, técnicos, administradores, apoio logístico e voluntários, deverão dialogar com a sociedade e interpretar seu acervo de maneira a inseri-lo neste meio.

Independente de suas diferenças tipológicas, os museus trabalham mesmo com objetos feitos, já produzidos, portanto, com aquilo que se situa num determinado passado, mesmo que ontem (...) qual é a natureza da relação que se mantém com o passado (CHAGAS, 2009). Torna-se evidente o pensamento e desenvolvimento de práticas de uma museologia popular e comunitária de base participativa.

---

2- Em 1985, no 2º Ateliê Internacional para uma Nova Museologia, realizado em Lisboa – Portugal, é fundado o Movimento Internacional para uma Nova Museologia – Minom, tendo como diretriz uma reflexão a respeito dos problemas da sociedade, trazendo a ação social para dentro da Museologia.

## **Sistema Estadual de Museus do Estado do Paraná: um panorama geral**

A Secretaria de Estado da Cultura – SEEC, por intermédio da Coordenação do Sistema Estadual de Museus – COSEM, promove a gestão e articulação entre os museus do Estado do Paraná através do Sistema Estadual de Museus, instituído em 24/09/1990, Lei No. 9375, que tem por objetivo estabelecer um padrão museológico, promover a articulação entre os museus vinculados, desenvolver a assistência técnica e programas de capacitação técnica.

Diante do cenário museológico narrado anteriormente, estando consciente do papel dos museus com esta sociedade em transformação, em agosto de 2011 a COSEM deu início ao mapeamento do campo museológico das instituições vinculadas a SEEC, compreendidas: Museu Paranaense, Museu do Expedicionário, Museu da Imagem e do Som, Museu de Arte Contemporânea, Museu Alfredo Andersen e Museu Oscar Niemeyer, todos situados na cidade de Curitiba. Esta ação tinha por objetivo rastrear as deficiências destas instituições e identificar suas potencialidades para, posteriormente, realizar uma ação conjunta de descentralização, atuando diretamente com os municípios.

A realidade encontrada nestas instituições evidenciou uma gestão de seus acervos de maneira individualizada, onde cada ação atua de forma descontínua e pouco visível. Resultado da ausência de padronização, sistematização, integração e conectividade entre as mesmas. Sendo assim, tendo como objetivo organizar e potencializar estas instituições e operacionalizar o Sistema Estadual de Museus, minimizando o distanciamento do discurso técnica/teórico em face à prática institucional, a COSEM elaborou o Plano Gestor Museológico instituído pelo programa Museus Paraná<sup>3</sup>, estruturado em 07 (sete) Eixos Programáticos (ver fig.1), que apresenta de maneira sintética, ações que atuam de forma paralela com metas contínua e resultados integrados, sendo:

1. Reestruturação Organizacional: elaboração de um modelo de gestão a partir das tipoloias de cervo: História, Antropologia,

---

3- Marca institucional.

Etnografia, Arqueologia, Ciências Naturais e História Natural, Ciência e Tecnologia, Imagem, Som e Multimeios, Artes Visuais e Virtuais, incluindo a elaboração do Estatuto de Museus e Planos Museológicos.

2. Tecnologia da Informação: desenvolvimento de uma base de dados para gestão de acervo museológico e de referência, de forma a tratar a gestão destes acervos de maneira integrada e padronizada. Resultando em uma plataforma que dialogue todas as tipologias, com campos padronizados, otimização do acesso à pesquisa e uma maior democratização na difusão do conhecimento.
3. Acervo: implantação de Normas de Inventário, processos de Digitalização e Informatização e Políticas de Incorporação de novas coleções, Pesquisa, Investigação, Exposições temporárias e de Acervo, atuando dentro dos padrões museológicos e museográficos.
4. Infraestrutura: elaboração de projetos de modernização de museus, deste seu edifício de ocupação até áreas técnicas. Contemplando parâmetros de climatização, acessibilidade, informatização e mobiliário, aplicando conceitos e práticas museográficas para a comunicação e difusão dos acervos.
5. Parcerias Institucionais: desenvolvimento de Políticas de Estratégia, Fomento e Técnico-científicas, tendo as instituições públicas e privadas como grandes parceiras e articuladoras dos diversos eixos de gestão.
6. Comunicação e Difusão: elaboração de projetos de Ação Educativa e Patrimonial, bem como a publicação de Cadernos Técnicos e incorporação às redes digitais e de integração da informação.
7. Polos Museológicos: implantação dos programas de Apoio Técnico, Capacitação Técnica e Exposições Itinerantes, dialogando com as instituições museológicas e de referência dos municípios do Estado do Paraná, potencializando os processos museológicos e museográficos.

Estes eixos atuam de forma paralela atendendo as especificidades de cada acervo, buscando sistematizar as práticas museológicas de maneira a integrar estas diferentes coleções e integrar estes museus.

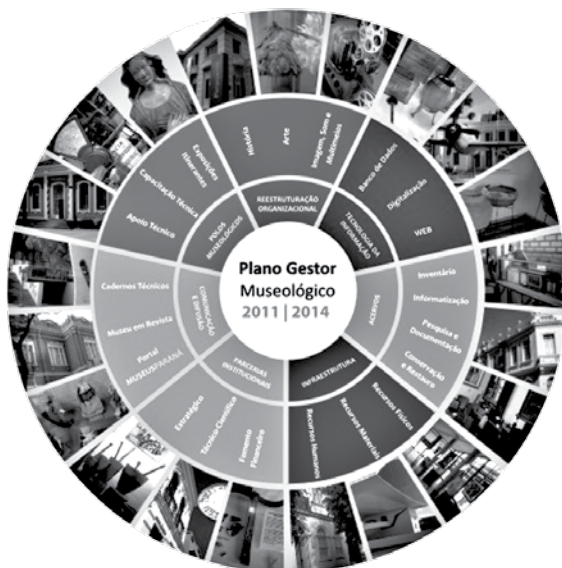


Fig.1. Diagrama do Plano Gestor Museológico – 2011/2014, estruturado em 07 (sete) Eixos Programáticos seguido de suas respectivas Ações.

## Polos Museológicos

Em 2007, no 1º Ibermuseus – Panoramas Museológicos da Ibero-América realizado em Salvador, destacou-se a criação do Programa Ibermuseus, da Rede Ibero-Americana de Museus, do Programa de Formação Profissional e Capacitação Técnica para Museus, do Cadastro Nacional de Museus, do Observatório e do Portal de Museus Ibero-Americanos, dentre outras ações onde era discutido o processo de “globalização” dos museus. Estes instrumentos de gestão museológica vinham fortalecer os princípios da Política Nacional de Museus, lançada em 2003, aonde os museus viriam a desempenhar uma função chave na sociedade:

(...) os museus como práticas e processos socioculturais colocados a serviço da sociedade e do desenvolvimento, politicamente comprometidos com a gestão democrática, participativa e museologicamente voltados para as ações de investigação e interpretação, registro e preservação cultural, comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com o objetivo de ampliar o campo das possibilidades de construção identitária e a percepção acerca da realidade cultural brasileira. (CHAGAS, 2007).

Entendendo este papel primordial do museu com a sociedade, Polos Museológicos tem por objetivo dialogar as ações museológicas e museográficas dos museus do Estado através de parcerias intensa entre município e Estado.

Em 2012 foram mais de 6.000 visitantes (fig.2) dos municípios. As exposições, com acervos dos museus vinculados a SEEC, foram intermediadoras deste diálogo entre museu e sociedade.

<b>POLOS MUSEOLÓGICOS - EXPOSIÇÕES ITINERANTES 2012</b>		
<b>exposição</b>	<b>município</b>	<b>visitantes</b>
“Gravuras do Acervo MON”. Acervo Museu Oscar Niemeyer	Rio Negro	480
	União da Vitória	132
	Paranaguá	200
“Andersen, Luz e Cor”. Acervo Museu Alfredo Andersen.	Maringá	205
	Foz do Iguaçu	686
	Cascavel	947
“Desejo de Salão: Salão Paranaense, uma retrospectiva”. Acervo Museu de Arte Contemporânea do Paraná	Pato Branco	777
	Londrina	350
“Bens Tombados: imagens do Patrimônio Cultural do Paraná”. Coleção Coordenadoria do Patrimônio Cultural	Irati	102
	Prudentópolis	117
	Mallet	621
	Inácio Martins	126
“KA’A – A Erva Sagrada – Fotos de Vladimír Kozák e Carlos Bueno”. Acervo Museu Paranaense	Guarapuava	325
	Laranjeiras do Sul	241
	Cascavel	234
“Memória e Imagem nas Lentes de Guilherme Glück”. Acervo Museu da Imagem e do Som	Lapa	247
	Campo Largo	117
	Campo Mourão	145
	Guaira	200
06 exposições	20 municípios	6.252

Fig.2. Museus Paraná – Exposições Itinerantes em números – Ações 2012

A 10ª Semana Nacional de Museus – museus em um mundo em transformação: novos desafios, novas inspirações, realizada no período de 14 a 20 de maio, teve sua abertura oficial no Museu Histórico de Londrina, no município de Londrina, provocando a descentralização das ações e o fortalecimento destas instituições.

Outra experiência notável foi a Semana Andersen, comemorada no mês de novembro que pela primeira vez saiu da estrutura do Museu Alfredo Andersen para perpetuar-se no município de Cascavel, no período de 05 a 09 de novembro, tendo como cenário o Museu de Arte de Cascavel. Além da mostra, ocorrerão várias ações dentre elas a participação dos artistas locais, onde estes realizaram releituras da produção artística do pintor. Ação esta que reafirmou a integração e acesso do bem cultural à sociedade.

Para 2013 pretende-se ampliar substancialmente estas ações e números, dialogando estas instituições por intermédio de uma gestão colaborativa e democrática, aproximando-se da sociedade, percebendo e interpretando seus vários signos, a explicar:

Talvez uma tarefa-chave das novas políticas culturais seja, tal como tentam certas performances artísticas, reunir de outras maneiras afetos, saberes e práticas. Reencontrar ou construir signos que representem de modo crível, identidades de sujeitos que, ao mesmo tempo, querem, sabem e agem: sujeitos que respondam por ações, e não personagens que representem marcas de identidade enigmática. Este é um núcleo dramático do presente debate cultural, ou seja, do sentido com que as opções de desenvolvimento social vêm se reelaborando. (CANCLINI, 2007).

O ambiente é de transformação, estes acervos ultrapassam e linha da instituição para comunicar-se com estes indivíduos.

Somos conscientes das deficiências e dificuldades que o universo museológico apresenta, acreditamos que um modelo de gestão cooperativa e multidisciplinar nos proporcionará possibilidades de concretização destas grandes ações. Acreditamos nos profissionais que atuam nestas instituições e principalmente, acreditamos na transformação no potencial coletivo, e os Museus são esta ponte conectora.



## Agradecimentos

Agradecemos à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Célia Alegro que em nome do Museu Histórico de Londrina recebeu Museus Paraná e inseriu Londrina dentro deste panorama.

## BIBLIOGRAFIA

MOUTINHO, Mário C. *Museus e sociedade, reflexões sobre a função do Museu*. Museu Etnológico de Monte Redondo. Cadernos do Patrimônio, 5. Revisão: Marcelo Araújo. p.115. 1989.

CHAGAS, Mário. *A imaginação museal – Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. Coleção Museu, Memória e Cidadania, Brasília, p.76. 2009.

CHAGAS, Mário; NASCIMENTO, José J. (orgs.) *Ibermuseus – Panoramas museológicos da Ibero-América*, Brasília, p.43-44. 2007.

### 3.3. BREVE HISTÓRIA DO CINEMA DE LONDRINA - PARTE 1

*Luis Henrique Mioto\**

#### **Resumo:**

*Este texto apresenta breve relato sobre os realizadores do cinema em Londrina. Tal texto surge como um dos resultados do evento “Mostra Londrinense de Cinema e Memória”, realizada no Museu Histórico de Londrina e organizada pelo Cineclubê Ahoramágica, AlmA e o Museu Histórico, em novembro de 2012.*

**Palavras-chave:** *Cinema de Londrina; Cinema e Memória.*

Temos aqui o objetivo de apresentar uma panorâmica breve e limitada sobre os realizadores de cinema em Londrina-PR, destacando os primeiros realizadores e sonhadores do cinema da cidade. Esse texto é um dos resultados do processo de pesquisa, organização e realização da “Mostra Londrinense de Cinema e Memória” que teve como responsáveis o cineclubê Ahoramágica<sup>1</sup> - do qual sou um dos coordenadores - em parceria com o Museu Histórico de Londrina<sup>2</sup> e a AlmA - Associação intercultural de Projetos Sociais. A Mostra foi realizada nas duas últimas semanas de novembro de 2012, com o patrocínio da Prefeitura de Londrina (por meio do PROMIC - Programa Municipal de Incentivo a Cultura) e do Ministério da Cultura (por meio do Prêmio Pontos de Memória, promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM).

Para a Mostra, realizamos uma extensa pesquisa dos acontecimentos, realizações do universo do cinema na cidade e região, entrando em contato com os textos dos poucos pesquisadores dessa

---

\*- Historiador e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina. Coordenador do Cineclubê Ahoramágica. Professor e pesquisador na área do Cinema e cineasta. [luismioto@yahoo.com.br](mailto:luismioto@yahoo.com.br)

1- Para conhecer mais sobre o grupo cineclubê Ahoramágica, acesse nossa página na internet: [www.ahoramagica.blogspot.com](http://www.ahoramagica.blogspot.com).

2- Agradecemos a colaboração da equipe do Museu Histórico de Londrina e da Associação dos Amigos do Museu (ASAM).

história, com os familiares dos primeiros realizadores com quem tivemos intenso contato e colaboração, com as obras cinematográficas históricas<sup>3</sup> e com o acervo disponibilizado pelo Museu Histórico de Londrina. Estas foram nossas fontes para a realização da Mostra. E, somados a elas, a reação e sensibilização do público, debates e diálogos com seus participantes, estabeleceram as fontes e inspiração deste texto.

Criamos um blog onde disponibilizamos quase todo o material textual e imagético recolhidos na pesquisa. O endereço da página é [www.cinemadelondrina.blogspot.com](http://www.cinemadelondrina.blogspot.com).

## Os Primeiros Realizadores

### *As Primeiras Imagens: Os Documentaristas*

As primeiras películas que foram rodadas em Londrina têm em suas imagens rápidos panoramas de uma região em início do processo de colonização e urbanização. Foram filmadas para estimular as vindas de imigrantes à região, usadas como instrumento de propaganda para potencializar as vendas de terras.

“Era o distante ano de 1932, quando um cinegrafista de 50 anos passou a registrar em um filme reversível (com cópia única) 16mm as terras e a mata que hoje conhecemos por Londrina. O cinegrafista era o japonês *Hikoma Udihara* (1882-1972), o primeiro cineasta londrinense [...]” (GROTA, 2009).

O primeiro registro cinematográfico, portanto, da região onde depois seria Londrina, veio antes da fundação oficial da cidade (a cidade foi fundada em 10 de dezembro de 1934). Naquele período, o Patrimônio Três Bocas (que depois seria refundado como “Londrina”) já tinha um pequeno núcleo urbano, que se estabeleceu na região por meio de uma primeira leva de colonos (vindos de algumas regiões do Brasil, paulistas, gaúchos, baianos e mineiros) ao longo da década de 1920. O governo estadual havia concedido, a partir do início da década de 1920, as terras da região a empresas privadas de colonização, sendo que a colonização do Norte do Paraná foi negociada junto à Companhia de Terra do Norte do Paraná (subsidiária da firma

---

3- No caso de algumas das películas exibidas atuamos no restauro das mesmas, junto aos parentes dos realizadores, durante o processo de organização da Mostra.

inglesa Paraná Plantations Ltda.) que assumiu a empreitada vendendo lotes a pequenos agricultores e incentivando o cultivo extensivo e monocultor das lavouras de café. Hikoma Udihara veio do Japão e, após um período de trabalho na região de São Paulo, foi contratado, em 1922, pela Companhia de Terra do Norte do Paraná como agente exclusivo para as negociações para a venda de terras da região à comunidade japonesa que já moravam no estado de São Paulo.

Detentor da exclusividade de negociação com os imigrantes japoneses, viajava pelo interior de São Paulo, onde estavam localizadas as colônias nipônicas, e expunha aos conterrâneos que um novo empreendimento estava sendo aberto na região norte do Paraná, que o preço das terras era barato e as condições de compra eram facilitadas. [...] Em Dezembro de 1929, Hikoma Udihara trouxe a Londrina a primeira caravana de japoneses interessados em conhecer e comprar terras. [...] Os japoneses foram os primeiros a comprar terrenos da colonizadora inglesa. (BONI; FIGUEIREDO, 2010, p.49-50)

No início da década de 1930, passa a levar suas películas e exibir seus filmes junto às comunidades com que estava negociando, as imagens serviam como sensibilizadores da comunidade japonesa, um forte instrumento de propaganda do agenciador de terras. Depois passou a usar seus filmes como recurso de convencimento para conseguir apoio junto às autoridades de Curitiba e na capital federal para melhorias na infraestrutura da região e construções de estradas para os japoneses escoarem a sua produção agrícola. O cinema como agente colonizador.

Esses primeiros<sup>4</sup> filmes de Udihara são P&B, sem áudio, gravados em suporte 16mm, depois começa a gravar com películas coloridas. Todas suas películas são compostas por pequenos filmes, com tomadas rápidas, com cortes secos, sem nenhuma edição. No total, suas películas somavam por volta de 10 horas/imagens<sup>5</sup>. Há, por lá, panorâmicas de várias regiões de Londrina, das lavouras e do núcleo

---

4- As películas gravadas por Udihara, em 1932, se perderam, o material mais antigo disponível é de 1934.

5- O acervo foi doado ao Museu Histórico de Londrina. Sem condições técnicas, recursos financeiros e profissionais especializados para recuperar e preservar os filmes, em 1983 os responsáveis encaminharam o acervo para higienização, recuperação e migração à Cinemateca Brasileira, em São Paulo. O pesquisador Caio Cesaro, que, desde o início da década de 90, acompanha o acervo de Udihara, descreve que, em janeiro de 1984, técnicos da Cinemateca fizeram uma matriz em VHS de todo o conteúdo passível de telecinagem. A partir de 1988, os filmes considerados irrecuperáveis cinematograficamente foram devolvidos ao Museu em suas respectivas latas. Cerca de uma terça parte de sua filmografia foi considerada pela Cinemateca Brasileira, na década de 80, como irrecuperável.

urbano, imagens de cidades da região, filmagens de eventos de inaugurações dos prédios das primeiras instituições de Londrina (como Fórum, Rodoviária, Correios, etc.), desfiles e eventos oficiais, registros documentais com o mínimo de preocupação artística, Udihara encarava mais suas imagens como parte de seu trabalho.

Udihara continuou vendendo terras e registrando a região até o final da década de 1960.

Há um vídeo que também registrou este período do início da colonização na região, trata-se de um filme (feito em 16mm) de 17 m, elaborado entre os anos de 1934-35, realizado pelo alemão **Karl Otto Müller** que estava na região a passeio e gravou um registro de sua viagem de trem que percorreu desde a cidade de Ourinho, passando pela Colônia Heimtal, Londrina, Gleba Roland, Cambé (antiga Nova Dantzig), mata virgem e plantações de café, alguns fragmentos do cotidiano dos colonos alemães na região. O vídeo ficou conhecido como “Brasil: moradores alemães do norte do Paraná”. Müller havia sido convidado para visitar o Brasil por Oswald Nixdorf (pioneiro da Gleba Roland, que depois veio a se tornar a cidade de Rolândia), o filho de Oswald adquiriu de Müller, na década de 1970, a película, traduziu as legendas do filme para o português e realizou cópias, uma delas está disponível no Museu Histórico de Londrina.

Os primeiros filmes de Udihara e este filme de Müller são os vídeos mais antigos feitos na região. Além deles, deste primeiro período, existem outros vídeos de caráter técnico realizados a mando do Instituto Brasileiro de Café (IBC) sobre a situação do cultivo do café e um outro vídeo feito no início da década e 40 pelo médico João H. Steffen na ocasião de inauguração do Hospital Evangélico, neste vídeo também há algumas panorâmicas do centro urbano. Ambos estão disponíveis no acervo do Museu Histórico de Londrina.

São apenas estes vídeos, até onde sabemos, que formam todo o acervo documental em imagem em movimento deste primeiro período de colonização da região.

Em 1945, Renato Melito inicia suas filmagens, funda a produtora Rilton Filmes e passa a ser o maior registrador da corrida do “ouro verde”, a explosão da agricultura cafeeira, com cinejornais e pequenos filmes realizados a pedido da elite financeira e política. Garantindo seu meio de sustento por meio de seus filmes por encomenda, Melito filmou por mais de 30 anos eventos e campanhas que políticos bem sucedidos armavam, festejos organizados pela elite econômica, pelas

instituições oficiais e pelas empresas comerciais. Este tipo de cinema ficou conhecido como “cinema de cavação”.

Essa expressão foi criada na década de 1920. Os cavadores eram os cinegrafistas e cineastas que faziam filmes por encomenda. Breves documentários que incensavam os feitos dos poderosos de plantão: grandes fazendeiros, capitães da indústria e políticos bem sucedidos. Esses cineastas de aluguel produziam filmes para divulgar empresas, obras do governo e campanhas políticas. Mais tarde, nas décadas de 30 e 40, essa prática se sofisticou com a sonorização dos filmes. Os cavadores partiram para a produção dos “cinesjornais”, reportagens que também tinham a função de promover os governantes e divulgar as empresas comerciais. Onde houvesse dinheiro, vaidade e ambição pelo poder, lá estariam os cavadores com suas câmeras e sua lisonjeira atenção. (HARA, 2012)

De fato, a maioria dos filmes de Melito é sonorizada, com um narrador com linguagem e expressão exultante e trilha sonora de fundo com melodias jubilosas. O pesquisador Tony Hara escreveu sobre os filmes dos cineastas de “cavação”:

[...] há algo didático nesses filmes. Ao observarmos a obra dos aduladores, dos cineastas cavadores podemos ver claramente de que material são feitos os homens públicos. Podemos ver os artefatos usados para a construção dessas mercadorias. Ao que parece, os cavadores de ontem são os marqueteiros políticos de hoje. No cinema de cavação o povo sempre aparece como figurante, como platéia, o rebanho ordeiro que bate palmas em festas cívicas e em jornadas esportivas organizadas pelo poder instituído. As crianças brincando nos parques representam o zelo pelo futuro da nação. As máquinas nas ruas asfaltam o caminho para o progresso e prosperidade dessa elite. Mas eles querem fazer crer que se trata da prosperidade de todos. Mentira. No cinema de cavação dá pra perceber a armação da cena. É mais inocente mesmo. Há algo de ingênuo nesse exercício de convencimento e persuasão. Mas estratégias discursivas usadas hoje em dia estão todas lá. [...]

E na medida em que o tempo passa, torna-se cada vez mais importante porque se trata também do registro da vida cotidiana do auge do ciclo cafeeiro no Norte do Paraná. São raros os registros fílmicos dessa época. (2012)

O acervo de Melito está em posse do Museu Histórico de Cambé, guardado na Cinemateca Brasileira, sem nenhum processo de restauro, o acervo aos poucos está se perdendo devido à deterioração das suas películas, que ainda não foram digitalizadas, como discutiremos em breve na parte 2 do artigo.

## BIBLIOGRAFIA

BONI, Paulo César; FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. Hikoma Udihara: um imigrante colonizador inaugura o cinema no norte do Paraná. Doc. On-line: *revista digital de cinema documentário*, n. 09, Dezembro de 2010. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es>>. Acessado em: janeiro de 2013.

CESARO, Caio Júlio. *Memória: Produção Cinematográfica em Londrina*. Monografia do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, Universidade Estadual de Londrina. Ano: 1995.

CESARO, Caio Júlio. Memória e identidade regional no cinema de Hikoma Udihara. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v.3, n.3, 2007, pp. 97-112.

FREITAS, Carina Dias & JUNIOR, Luiz Antônio Bartelli. *A Última Sessão de Cinema: histórias e crônicas das salas de cinema em Londrina*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a UNOPAR – Universidade do Norte do Paraná. Londrina, 2006.

GROTA, Rodrigo. *Revista Taturana*. 4ª edição. Kinoarte. 2009.

HARA, Tony. *Cinema de Cavação - o Lado B das películas*. Disponível no blog Doc. Londrina: <<http://www.doclondrina.blogspot.com>>. Setembro de 2012.

## PÁGINAS VIRTUAIS

<http://www.cinemadelondrina.blogspot.com>

<http://www.kinopusaudiovisual.com.br>

<http://www.doclondrina.blogspot.com>

<http://www.cineclubesdelondrina@blogspot.com>

<http://www.ahoramagica.blogspot.com>

<http://www.kinoarte.org>

### 3.4. “60 ANOS DA TELENÓVELA BRASILEIRA”

*Elmo Francfort\**

#### **Resumo:**

*Relato do Museólogo e curador da exposição “60 Anos da Telenovela Brasileira” realizada no Museu Histórico de Londrina – PR.*

**Palavras-chave:** *Exposição itinerante; Museu da Televisão; Museu Histórico Londrina*

O Museu Histórico de Londrina recebeu no período de 03 a 21 de outubro de 2012 a exposição “60 Anos da Telenovela Brasileira”. Como curador da exposição, digo que essa foi uma experiência única.

Londrina foi a 13ª cidade que a recebeu e a primeira vez que ela aconteceu em um Museu, cujo público é diferente, mais analítico e criterioso. Felizmente a aceitação foi grande, com mais de 7 mil pessoas visitando a exposição em menos de 20 dias. Isto é gratificante.

Como disse: a exposição já passou por outras cidades por ser uma mostra concebida como itinerante. É uma parceria entre a Rede Globo e a Pró-TV – Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira, responsável pelo projeto do Museu da TV ([www.museudatv.com.br](http://www.museudatv.com.br)). Em cada praça visitada a exposição tem o apoio da afiliada local da Rede Globo. O caso do Paraná foi especial porque contou em Londrina e Curitiba com uma mesma rede regional: a RPC TV – Rede Paranaense de Comunicação. Foi a primeira experiência de uma rede regional encabeçar duas exposições. Essa experiência já está servindo agora para a próxima exposição a ser apoiada pela RBS TV, que comanda as emissoras de TV afiliadas da Globo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A escolha da RPC TV em colocar Londrina à frente de sua cabeça-de-rede (emissora principal da rede), o canal 12 de Curitiba, se deu por dois motivos: primeiro porque a RPC TV Londrina, antiga TV Coroados, está prestes a completar 50 anos; e, segundo, por

---

\*- Curador da exposição “60 Anos da Telenovela Brasileira” (Rede Globo / Pró-TV) e responsável pelo acervo da Associação Pró-TV / Museu da Televisão Brasileira, além de gerente do núcleo Cidade da TV, na região do ABC Paulista. Contatos: [www.elmofrancfort.com.br](http://www.elmofrancfort.com.br) ou [elmo@francfort.com.br](mailto:elmo@francfort.com.br).



questões geográficas. Explico: a exposição “60 Anos da Telenovela Brasileira” começou em São Paulo, em 16 de setembro de 2011, com o apoio da TV Globo paulistana. Depois, foi para o Rio de Janeiro, Belo Horizonte e mapa adentro, escalando pelo Brasil até voltar para o Sul. No final de 2012, a exposição encerra seu ciclo, indo até o extremo Sul e voltando para a origem (São Paulo), quando a exposição deixará de lado seu formato atual (em 21 de dezembro se completarão 61 anos da primeira novela do país – “Sua Vida Me Pertence, TV Tupi de São Paulo, 1951). Nessa rota a mostra de Londrina foi antecedida por Manaus (AM). Uma das viagens mais longas que a coleção realizou.

A exposição está próxima de conquistar 200 mil visitantes em todo o Brasil e é uma satisfação ver que, relativamente, à televisão, o povo também mostra que gosta de rever, de recordar.

A televisão é um difusor de cultura. Quando se olha para o passado da história da teledramaturgia observa-se a mudança no tempo, dos costumes, em detalhes banais a uma primeira vista. Desde o celular enorme que um personagem usa numa novela de meados dos anos 1990, aos figurinos, cabelos, maquiagens, cenários e até em inserts que mostram imagens da cidade. Um pouco disso os visitantes puderam ver através dos televisores antigos e também de figurinos de novelas expostos, como o da Viúva Porcina (Regina Duarte), de “Roque Santeiro”, as roupas do casamento de Raj e Maia (Rodrigo Lombardi e Juliana Paes) em “Caminho das Índias” e muitos outros. Uma verdadeira viagem no tempo.

Na exposição 60 Anos da Telenovela Brasileira em Londrina, integrou-se no mesmo espaço também o Museu da RPC TV, construindo até um pequeno estúdio, com direito a câmera RCA TK-15 da TV Coroados. A televisão no Brasil nasceu a 18 de setembro de 1950, com a TV Tupi de São Paulo, canal 3 da cidade, propriedade de Assis Chateaubriand, presidente dos Diários Associados. A TV Coroados começou a operar em 1963 também no canal 3, também com nome indígena e também de propriedade de Chatô e dos Associados. Era conhecida por muitos como a “TV no meio do cafezal”. Na entrada da exposição apresentou-se, com o apoio da RPC TV, uma foto aérea da TV Coroados na década de 1960. É impressionante ver a quantidade de pés de café em volta e ver que hoje, conhecendo a sede da emissora (na Av. Tiradentes, 1370, no Jardim Shangri-lá), a cidade cresceu tanto a ponto de todos os cafezais desaparecerem, dando lugar a moradias e

a outras edificações.

Com o apoio da equipe do Museu Histórico de Londrina, resgatou-se no acervo da entidade objetos que passaram a incorporar a exposição e falaram sobre essa transformação.

A montagem da exposição contou com o apoio da RPC TV Londrina (chamada ainda por alguns de RPC TV Coroados), contou principalmente com o apoio da Kelly Aline Penteadó, da Programação, e dos auxiliares Antônio e Naicon Lemes. E da rede, vindos de Curitiba, da RPC TV Paranaense, da Marina dos Santos, da Programação, e dos auxiliares Luiz Arcanjo e Mauro Fernandes.

Esse trio ainda atuou em Curitiba, deixando, todos eles, saudades. Contou, também, com o apoio de vários outros colegas, alguns terceirizados, mas, em sua maioria, todos da RPC TV, sempre sob a supervisão de Alceu Honório Junior e do diretor de programação e produção, Carlyle Ávila, que na abertura discursou sobre a importância da RPC receber a exposição. Em Londrina, Silvana Pontiglione, Gerente Geral da RPC TV local, também discursou, além da vice-reitora da Universidade Estadual de Londrina, Profa. Dra. Berenice Quinzani Jordão.

Não é possível esquecer aquela maravilhosa noite, com direito a coquetel à luz de tochas de fogo e ao luar, no belo jardim defronte ao Museu. Londrina em peso estava lá prestigiando a abertura que começou com o discurso da apresentadora da RPC TV Daiane Fardin, introduzindo a festividade. Depois assumiu o microfone o ator Leopoldo Pacheco (o ator foi escolhido porque seu personagem era de origem paranaense). Leopoldo foi o mestre de cerimônia, chamando além dos já citados, também a presidente da Pró-TV, a atriz Vida Alves. Ela é também responsável por ter dado o primeiro beijo na televisão, na primeira novela do país (a sessentona “Sua Vida Me Pertence”). Seu par romântico foi o ator Walter Forster na época. Esta pioneira da TV está atualmente com 84 anos, mas com disposição e vigor que faz com que todos se impressionem ao saberem sua idade real. Além de Vida, esteve presente também, representando a classe artística, a atriz Eva Wilma. Ela também estava muito feliz e frisou que quer acompanhar sempre a exposição e os trabalhos da Pró-TV com a Globo para levantar a bandeira de se criar um digno Museu da Televisão Brasileira. Hoje, tal Museu funciona no bairro paulistano do Sumaré, com muita luta, dentro da casa de Vida Alves. Um acervo rico

e grandioso, como a primeira câmera do país, da TV Tupi, que estava exposta em Londrina.

Ao contrário das outras praças por onde a exposição passou, a Pró-TV, com o apoio da RPC TV, inovaram ao não homenagear diretores ou presidentes-fundadores com o Prêmio Pró-TV. Em Londrina foram funcionários pioneiros, alguns ainda trabalhando na emissora, os agraciados. Pela ordem, receberam, na ocasião, o troféu Otacílio Aparecido de Oliveira – na emissora desde 1963, foi operador de câmera, diretor de TV e atualmente é coordenador de programação. Depois o simpático, com quase dois metros de altura, José Makiolke, que foi ator, garoto-propaganda, noticiarista e apresentador da antiga TV Coroados. E, por último, o Dr. Edvaldo de Melo, que teve papel importante na história da RPC TV, em Londrina, passando por diversas funções dentro da emissora e sendo atualmente membro do Conselho Administrativo do GRPCOM – Grupo Paranaense de Comunicação, do qual a RPC TV faz parte.

Sobre a exposição “60 Anos da Telenovela Brasileira” o público pode ver além dos figurinos e equipamentos antigos uma série de 40 painéis com informações e fotos, além da cronologia da história das novelas da TV brasileira, com ênfase na produção da Rede Globo de 1965, quando foi inaugurada, no canal 4 do Rio de Janeiro, até 2011, ano em que se completaram as seis décadas de existência dessa mania nacional. Além disso, existiram duas salas: uma retrô, com direito a tapete persa, cortinas, poltronas King dos anos 1960 e uma televisão antiga que exibia novelas da Globo em sua fase de TV branco e preto, de 1965 a 1973. E na outra sala, as novelas em cores da emissora, de “O Bem Amado” (1973) até 2011. Fizeram muito sucesso também as fotos de atores em tamanho real, principalmente a do ator Tony Ramos, que ganhou a atenção do público paranaense por ele ser natural deste Estado. Tony nasceu em Arapongas, no Norte do Paraná, assim como Londrina. Nas vitrines também viu-se uma evolução dos formatos de fitas de vídeo – da quadruplex às modernas XD-CAM e HD-CAM, e roteiros originais de novelas famosas como “Casarão”, sucesso da Rede Globo, e “Um Beijo na Sombra”, segunda novela do país, produzida pela TV Tupi de São Paulo, em 1952, após “Sua Vida Me Pertence”.

Guardarei sempre comigo cada pedaço deste projeto, mas, alguns, com muito carinho, como a hospitalidade e o empenho que encontrei

no Paraná. Um “muito obrigado” é o mínimo que posso oferecer à receptividade que tive no Museu Histórico de Londrina, que assumiu a proposta, sempre com o intuito de não apenas abrigar mais exposição, mas levar adiante algo que possa discutir nossa cultura e estimular o aprendizado e a criatividade das pessoas.

### 4.1. AIDA CAMPANA

Nasceu em Ribeirão Claro – PR, em 14/12/1922, sexta filha de Amadeu Zanoni e Maria Fabris, O casal teve 13 filhos.

Conheceu Londrina em 1936 quando passou seis meses em uma fazenda em Nova Dantzig (Cambé - Pr). Foi embora a cavalo com os irmãos para Iepê-SP. Em 25/01/1941 casou-se com Udilo Paulo Campana (\*25/01/1920 †07/08/2006) e vieram morar em Londrina.

Srº Udilo, filho de Primo e Honesta Zucolin Campana, chegou com os pais em 1933, no Patrimônio Três Bocas (Londrina-Pr), proprietários do Hotel Triunfo. O casal Aida e Udilo tiveram nove filhos e viveram casados por 65 anos.



## Trechos da Entrevista

---

[...]

**AC:** O meu sogro abria picada, porque não tinha estrada em lugar nenhum, eles abriam daqui a Bela Vista-Pr. Todas estas estradas que tem aí, meu sogro é quem empreitava, porque era empreitada, ele pegava as empreitas e levava os camaradas para ajudar abrir. E meu marido, com 12 para 13 anos, ia para cozinhar, era o cozinheiro deles, porque eles queimavam lata. Eles falavam esse ditado “queimar lata”, é que tinha que improvisar um fogo e fazer a comida, então, quem fazia a comida era meu marido.

**BDB:** Quando a senhora casou veio morar onde, aqui?

**AC:** Morei com minha sogra por 12 anos no Hotel Triunfo. Quando eles vieram em 33, não vieram com a intenção de por pensão, vieram para aventurar, pegar um trabalho, porque eles estavam bem de vida e, depois descambou tudo por causa de uma conta do sogro dele lá, e se desentenderam e no fim ... Um pouco por nada e não deu nem para terminar a casa que era de tábua, ali onde era o Hotel Triunfo era tábua. Então ele comprou duas datas porque naquela época era muito baratinho, mas também o dinheiro era muito difícil, então, ele fez uma casa de madeira e o dinheiro não deu, ficou faltando duas janelas, teve que colocar um pano na janela porque o dinheiro não deu para completar. E ele começou a trabalhar abrindo picada, depois começou a vir o pessoal, povo do Estado de São Paulo para aventurar, para comprar terreno. Era lugar novo vieram explorar aqui e não tinham onde ficar, porque não tinha hotel, pensão, não tinha nada e o povo ficou conhecendo o meu sogro que trabalhava com picada, trabalhava com camarada, então, eles conheceram. Aí o povo queria que ele desse comida, aí minha sogra começou a fazer comida para servir, vender comida. Eles começaram a querer pousar também e não tinha lugar, aí começou a colocar colchão na sala, no chão, para o povo. E vinha muita gente de Birigui, Estado de São Paulo, todo mundo vinha para cá. Às vezes vinham vinte pessoas de uma vez, todos juntos no ônibus que era uma jardineira aberta, nem era uma catita, nem era

fechada dos lados, era aberta. Então eles vinham e não tinham onde ficar, eles não podiam ficar no meio da rua, nem rua tinha. Aí eles começaram: Primo põe uma pensão, Primo põe uma pensão. Aí até que começaram, porque aí todo o povo queria ficar lá.

**BDB:** Como foi quando teve a segunda guerra e faltava muita coisa?

**AC:** Nossa! Enfrentamos tanta fila para comprar feijão carunchado menina [risos].

[...]

**RR:** Localização da pensão e o surgimento da estação?

**AC:** [...] quando fizeram aquela estação ali na esquina, onde é o terminal, era a coletoria, logo encostado tinha um negócio de polícia e o SAMU, que naquela época era o posto de atendimento. Era ali perto do hotel também, porque a Benjamin foi uma rua de comércio e por causa da estrada de ferro, da estação, era tudo próximo e quem vinha, por exemplo, passava no trem depois que fizeram a estação. Então era a Maria Fumaça, não era um trem muito grande, era um trenzinho, os vagões eram pequeninhos, não eram grandes, diferente do que é hoje. E todos que trabalhavam no trem, que vinham, eles vinham buscar comida na pensão da minha sogra, eles vinham pegar sortido. Naquela época falavam sortido, hoje se fala marmitex, marmita, mas naquele tempo eles traziam uma marmitinha, uns tinham um caldeirãozinho, eram todos trabalhadores, traziam a vasilha, a gente colocava a comida que desse para uma pessoa que fosse, um marmitex, e eles levavam. Naquela época já era 2 reais, um real, hoje é real, naquele tempo, mil réis, eu nem sei, como é, mudou o valor do dinheiro, eu não sei quanto valeria [...].

CAMPANA, Aida. *Depoimento*. Londrina-Pr : 2012. Entrevista realizada pela Jornalista Barbara Daher Belinati. Transcrição, Rosangela R. Haddad. 1 DVD original, pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina. (Projeto História Oral)

## 5. ASAM

A Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina – ASAM, instituição de utilidade pública municipal, constitui-se de um grupo de cidadãos que dedicam parte de seu tempo ao trabalho voluntário em benefício do Museu Histórico de Londrina.

Como é de conhecimento público, o Museu Histórico de Londrina, sediado no prédio da antiga estação ferroviária, pertence à UEL e seus funcionários fazem parte dos quadros da Universidade que também provê em seu orçamento os recursos necessários para a manutenção de instalações e acervo.

Entretanto, o museu conta a NOSSA história, e por esse motivo ajudar a cuidar dele não é apenas um direito, mas um dever dos cidadãos que escrevem cotidianamente essa história.

Em 1995, quando se começou a pensar na necessária e urgente obra da revitalização do antigo prédio da estação, logo se percebeu a necessidade da criação de uma entidade civil que, conforme exige a lei, se responsabilizasse pelo recebimento e gerenciamento das verbas públicas destinadas aos projetos do museu.

Fundada em 18 de maio de 1995 sob a presidência do Dr. Alceu Serpa Ferraz, a ASAM imediatamente deu todo o apoio à diretoria do museu para a execução do planejamento da revitalização, contratando a assessoria técnica da Doutora em Museologia da USP, Professora Cristina Bruno.

Dessa parceria surgiu o “Projeto Memória Viva de Revitalização dos Espaços Internos e Externos do Museu”, encaminhado pela ASAM ao Ministério de Cultura, à Secretaria de Estado da Cultura e à Secretaria Municipal de Cultura, que o agradeceram com os recursos disponíveis, que entretanto se mostraram insuficientes para a total execução do projeto.

A ASAM iniciou, então, um grande trabalho junto às empresas e aos cidadãos de Londrina, conseguindo doações em espécie, materiais de construção e mobiliário, e as obras de revitalização, iniciadas em fevereiro de 1997, foram finalmente concluídas em dezembro de 2000, quando o Museu Histórico de Londrina foi reaberto para visitação pública.

*Maria Lopes Kireeff*  
Associação dos Amigos do Museu



## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
  - Título;
  - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
  - Resumo – máximo 50 palavras;
  - Palavras-chave - até 6 palavras;
  - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
  - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
  - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.
2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
6. Contato:
  - Fone: (43) 3323-0082 / [bibmuseu@uel.br](mailto:bibmuseu@uel.br)

# EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

## **Direção**

Profª Drª Regina Célia Alegro

## **Secretaria**

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Técnicos-Administrativos:

Amilton Batista Cardoso

Ivo Augusto Assumpção Siqueira

Projeto Aprendiz:

Ana Carolina da Silva Candido

Lucas Eduardo Alves

## **Equipe de Apoio**

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Diva Barbosa da Silva

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

## **Setor de Ação Educativa**

Eline Andrea Dornelas

Edeni Ramos Vilela

## **Setor de Biblioteca e Documentação**

Bibliotecárias:

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

## **Setor de Comunicação Social**

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

## **Setor de Imagem e Som**

Técnicas em Assuntos Universitários:

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

## **Setor de Museologia**

Museóloga: Gina Esther Issberner

Técnico em Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

## **Estagiários**

Amanda Cristina Martins do Nascimento

Amanda Camargo Rocha

Ana Luisa Coradi

Aryane Kovacs Fernandes

Gabriela Vasconcelos Torres

Gisele da Silva Oliveira

Juliana Souza Belasqui

Priscila Rosalem P. de Almeida

Taiane Vanessa da Silva

Tamiris Helena Doratiotto Baldo

Vagner Henrique Ferraz

Vanessa Caroline Mauro

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350

(43) 3323-0082 - [museu@uel.br](mailto:museu@uel.br)





## Exposição: Mostra Londrinense de Cinema e Memória

REALIZAÇÃO

PATROCÍNIO

PROMOÇÃO

MUSEU HISTÓRICO  
DE LONDRINA  
PEL CARLOS BERTI

Curso de Especialização  
Patrimônio e História. UEL



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA